

# OBSTÁCULOS NO TRATAMENTO DA DOR PEDIÁTRICA NO BRASIL: VISÃO DAS CRIANÇAS, UMA PARCIAL

Ferreira, EAL<sup>1,2</sup>; Zanatta, RP<sup>1,2</sup>; Brito, J<sup>1,2</sup>; Valete, COS<sup>1,2</sup>; Lacerda, A<sup>3</sup>; Capelas, MLV<sup>4</sup>; Fernandes, P<sup>5</sup>; Kalczuk, L<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>Departamento de Medicina, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/ SP - Brasil. <sup>2</sup>Núcleo de Estudos em Dor e Cuidados Paliativos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/ SP - Brasil. <sup>3</sup>Instituto Português de Oncologia de Lisboa Francisco Gentil (IPO), Lisboa - Portugal. <sup>4</sup>Universidade Católica Portuguesa, Lisboa - Portugal. <sup>5</sup>Laboratório de Bioengenharia, Instituto Tecnológico de Aeronáutica, São José dos Campos/ SP - Brasil.



**IX CONGRESSO BRASILEIRO DE CUIDADOS PALIATIVOS**

O MELHOR CUIDADO PARA TODOS, A VIDA TODA!

E-mail para contato: [estherferreira@ufscar.br](mailto:estherferreira@ufscar.br)

## Introdução

No Brasil, 40% dos serviços de Cuidados Paliativos Pediátricos ainda têm dificuldades ou não têm acesso a opioides. Uma vez que o tratamento da dor na criança é considerado essencial, devendo ser feito de maneira adequada e holística, mas que atualmente esse cuidado ainda é negligenciado no ensino e na assistência, os obstáculos devem ser elucidados para que haja avanços, sendo importante, a princípio, elucidar de forma mais clara como a dor é entendida pela própria criança.

## Objetivo

O objetivo deste trabalho é entender quais as barreiras para o tratamento da dor no Brasil na visão das crianças.

## Método

Estudo observacional, exploratório-descritivo e transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição em questão, com início da coleta de dados em maio de 2022. Foram convidadas para participar da pesquisa crianças de 8 a 18 anos de idade, internadas nas enfermarias de um Hospital Universitário vinculado a uma universidade federal, fora do período de instabilidade clínica. Após a concordância em participar da pesquisa, assim como assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo responsável e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido pelo entrevistado, foram realizadas entrevistas presenciais, com roteiro de perguntas tendo apoio em outros estudos já publicados e encontrados por revisão de literatura sobre dor em pediatria.

## Resultados

Foram entrevistadas 8 crianças, de 8 a 16 anos de idade, sendo 5 do sexo feminino, 2 do masculino e 1 que preferiu não dizer. Apenas 1 dos pesquisados disse que não se preocupava com a dor que poderia sentir em seu tratamento, sendo que 2 relataram que têm dificuldades em auto reconhecer quando estão com dor. Todos acharam importante o profissional de saúde saber tratar dor em pediatria. Um dado importante que ser apontado é que 50% dos participantes relataram que “já tiveram muitas dores que seus pais ou a equipe de saúde disseram que ‘não era nada’ e ficaram tristes por isso”, conforme gráfico 1.

Você já sentiu alguma dor que seus pais ou a equipe de saúde disseram que ‘não era nada’ e se sentiu triste por isso?

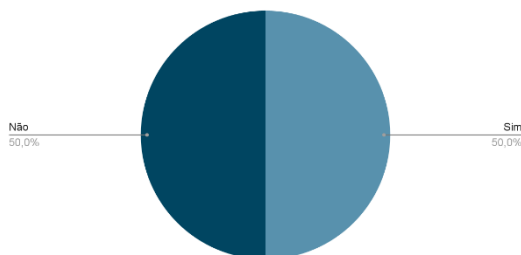


Gráfico 1. Sobre a opinião da criança acerca da validação, pelos pais e profissionais de saúde, das dores que já sentiram.

## Conclusão

Ainda há obstáculos importantes para que a dor pediátrica no Brasil seja adequadamente avaliada e tratada, sendo que mais pesquisas na área devem ser feitas, assim como ações educativas para profissionais de saúde e população em geral também.

## Referência principal

1. Ferreira EAL, Barbosa SMM, Costa GA et al. Mapeamento dos Cuidados Paliativos Pediátricos no Brasil: 2022. 1a edição. São Paulo: Rede Brasileira de Cuidados Paliativos Pediátricos - RBCPPed, 2022. ISBN: 978-65-00-38580-9.